

# Do uso de jogos para o desenvolvimento de competências musicais – um relato de prática docente

## Comunicação

**Tarcísio Gomes Filho**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
tarcisiogfilho@gmail.com

**Fernanda de Moura Estevão Peroba**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
fernandamep7@gmail.com

**Resumo:** O uso de jogos na aula de música/instrumento tem sido uma alternativa válida para o desenvolvimento de competências musicais, desta forma, este artigo apresenta um relato de experiência sobre o uso de jogos, no contexto de um curso de extensão universitária, visando a aquisição de competências. As práticas narradas refletem o trabalho realizado em duas classes, formadas por alunos com idades entre oito e doze anos, durante os semestres 2017.2 e 2018.1. Como referencial teórico optou-se pelos estudos de PEREIRA (2001) e as propostas educativas de SWANWICK (2002). Para tal intento, foram elencados cinco jogos e, por fim, as considerações sobre os resultados obtidos.

**Palavras-chave:** Educação musical, Jogos musicais, piano, competências musicais

## Introdução

Os vinte dois anos de atuação docente, na área de música, me fazem acreditar que o exercício desta função exige a constante reflexão, no que tange à renovação e inovação da prática, tendo em vista a harmonização entre os saberes e os interesses do aluno e do professor<sup>1</sup>. O presente artigo se configura como um relato de experiência, vivenciado no contexto da docência em um curso de extensão universitária, desenvolvido na Escola de música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, desde o ano de 2012<sup>2</sup>.

---

1 O autor possui experiência no ensino de música em contexto informal (aulas particulares), em contexto formal em escolas especializadas (Campinas - SP) e universidades (UERN - 2007/2008 e UFRN - 2009 aos dias atuais).

2 Trata-se de um curso que promove a musicalização por meio do estudo do piano. É cadastrado junto a Pró-reitoria de extensão da UFRN como “Curso de Iniciação ao piano” e possui como público alvo crianças, jovens a adultos, vindos da comunidade externa. O curso atende

De acordo com Elias (2014), o relato de experiências “faz parte dos gêneros pertencentes ao domínio social da memorização e documentação das experiências humanas, situando-as no tempo” (ELIAS, 2014, p.1) e como tal, este trabalho apresenta o depoimento dos resultados decorrentes das estratégias didáticas geradas pelas reflexões durante os anos de atuação no curso e, mais especificamente, as atividades práticas dos dois últimos semestres letivos.

A metodologia constou de pesquisa bibliográfica, visando subsidiar teoricamente as ações práticas, aplicação dos jogos, registro em diário e planos de aula. As vivências narradas, neste trabalho, foram realizadas na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, durante os semestres letivos 2017.2 e 2018.1 e compreendem as aulas de duas turmas do Curso de iniciação ao piano. A turma 1 é formada por alunos do primeiro módulo, com idade entre 08 e 09 anos, ingressantes no curso em 2018.1, e a turma 2 é formada por alunos do quarto módulo, com idade entre 10 e 12 anos, ingressantes no curso em 2016.2. Todas as crianças estudam em escolas privadas, no turno matutino, e a maioria possui algum tipo de instrumento de teclado em casa. Nas duas turmas existem alunos já musicalizados, vindos de outros projetos de extensão da mesma universidade, e alunos que estão tendo o primeiro contato com o ensino formal de música.

Na busca por alternativas pedagógicas que tornassem as aulas de piano em grupo mais eficientes e interessantes para as turmas, busquei nos jogos musicais uma opção válida, tanto para o desenvolvimento de habilidades e competências, quanto para uma maior interação entre os alunos, bem como para a construção de conhecimentos musicais.

No que tange especificamente a formatação do curso, seu programa foi elaborado com base no desenvolvimento de competências musicais e utilizou como referencial o modelo proposto por Pereira ao ensino do piano (PEREIRA, 2011), no qual as competências são enumeradas da seguinte forma: audição e audiação (competência auditiva); movimento corporal (competência motora), performance, sensibilidade e som (competência performativa e expressiva), notação musical (competência de leitura) e complementado pela proposta de ensino com base no pensamento de Swanwick, que em seu livro “Basis for Music Education” (1979) propõe o modelo C(L)A(S)P enfatizando a centralização da

---

uma média de oitenta alunos por semestre, em módulos do I ao VIII, em classes com oito alunos cada, e é ministrado por três professores e um bolsista.

experiência musical ativa por meio das atividades de composição – C -, apreciação – A - e performance – P - juntamente com atividades de suporte como aquisição de habilidades “skill acquisition” - (S) - e estudos acadêmicos “literature studies” (FRANÇA; SWANWICK, 2002, p.17), (SWANWICK, 2003).

A literatura mostra que, na área de educação musical, os jogos têm sido bastante usados em aulas, inclusive pesquisas diversas tem se debruçado sobre este tema. Exemplos são os trabalhos de Rizzo (2001), Marsh (2008-2013), Souza (2009), Werle (2013), Oliveira e Beineke (2015), dentre outros. Apesar do fato, este trabalho reflete ações realizadas desde o ano de 2012 e espero que possa acrescentar informações, de modo a colaborar com os estudos e práticas na área de educação musical.

## **1. As competências musicais e o uso do modelo C(L)A(S)P**

De acordo com Gordon (2000), as competências musicais incluem o escutar, o cantar, o mover-se, o improvisar, o ler, o escrever, dentre outros. As competências que buscamos desenvolver por meio de jogos musicais são as estabelecidas por Pereira (2011) e que tem sido base para o meu trabalho, inclusive para a organização de plano de curso e escolha de material didático<sup>3</sup>. São elas:

### **1.1. Audição e audiação (competência auditiva)**

A autora explora o conceito de audição interior como sendo a capacidade de compreensão do fenômeno sonoro e comenta que “mais do que fazer música, interessa como esta é de facto apreendida ou assimilada pela criança” (PEREIRA, *Op. cit.* p.20). O conceito de audiação irá se referir à capacidade de ouvir e compreender musicalmente um som quando este não estiver presente fisicamente, o que comumente se chama de audição interna. O termo audiação foi utilizado na tradução portuguesa do livro “Music Learning Theory” de Gordon (2002).

Pereira observa que o termo audição interna ou interior é comum em discursos pedagógicos no século XX, aparecendo em obras de educadores como Orff, Willems, Suzuki,

---

<sup>3</sup> O artigo “Programa, Estratégia e Didática para um curso de iniciação ao piano.” publicado por GOMES FILHO, Tarcísio (2016) e ARAÚJO, Andersonn Henrique Simões de, no XIII Encontro Regional Nordeste da ABEM, descreve como as competências musicais foram abordadas no programa, nas estratégias de ensino e na didática do curso ao qual nos referimos neste trabalho.

Dalcroze, dentre outros. Para a autora a audição, refere-se a um processo que envolve uma capacidade de ouvir “para dentro”, um evocar a música. (*Ibidem* p. 21).

A memória é um fator determinante para a realização musical e é parceira no processo de audição. Segundo Sloboda (SLOBODA, 1994, p.3) “o modo como as pessoas representam a música para si próprias determina o modo como a vão lembrar e tocar” e essa representação para si próprio só acontece por meio da audição, mas é dependente da memória para que ocorra.

Ainda se faz importante ressaltar que a apreciação musical (A), parte integrante do modelo C(L)A(S)P (FRANÇA, SWANWICK, 2002 e SWANWICK, 2003), também faz parte do trabalho para o desenvolvimento da competência auditiva, uma vez que o trabalho da apreciação deve ser realizado de forma a proporcionar uma escuta ativa, no qual o aluno estabeleça um diálogo entre o que ouve e os seus conhecimentos, já adquiridos ou novos.

## **1.2. Movimento corporal (competência motora)**

Envolve o treinamento de funções motoras e suas conexões mentais visando a execução sonora. Segue a linha estabelecida por Dalcroze, na qual a pedagogia da música recebe ênfase no movimento corporal.

De acordo com Fonterrada, para Dalcroze:

A música não é um objeto externo, mas pertence, ao mesmo tempo, ao fora e ao dentro do corpo. O corpo expressa a música, mas também transforma-se em ouvido, transmutando-se na própria música. No momento em que isso ocorre, música e movimento deixam de ser entidades diversas e separadas, passando a constituir, em sua integração com o homem, uma unidade (FONTERRADA, 2005, p.120).

No tratamento das questões relacionadas ao desenvolvimento da competência motora está presente o trabalho de aquisição de habilidades, (S) “skill acquisition”, segundo o modelo C(L)A(S)P, que consiste na aprendizagem de questões de ordem técnica, como por exemplo, a habilidade de executar notas utilizando diferentes tipos de toques e articulações, realização de diferentes dinâmicas, estudo de escalas, dentre outros.

### **1.3. Performance, sensibilidade e som (competência performativa e expressiva)**

Abrange o desenvolvimento de habilidades técnicas ao instrumento e a capacidade de expressão por meio do texto musical. O desenvolvimento técnico, juntamente com a compreensão do conteúdo musical, irá proporcionar ao aluno ferramentas que irão facilitar a realização de uma performance sensível e expressiva.

Segundo França (2002), para Swanwick (2002, 2003), a performance musical abrange todo e qualquer comportamento musical observável, desde o acompanhar de uma canção com palmas à apresentação formal de uma obra musical para uma plateia (FRANÇA, 2002, p.14).

Concordo que a composição musical (C), em qualquer nível, também se relaciona com a prática da performance, principalmente quando esta é realizada diretamente no instrumento. Em meu programa de curso constam exercícios de livre criação e improvisação ao piano (GOMES FILHO; ARAÚJO, 2016).

Apesar da amplitude da definição de performance, nesta competência, na qual se busca o desenvolvimento da sensibilidade e do som, concordo com França quando ela pondera que:

A amplitude da definição não pode representar um pretexto para se descuidar da qualidade artística da performance. Seja qual for o nível de complexidade, é preciso procurar a melhor qualidade artística possível para que ela resulte significativa, expressiva e relevante. As crianças devem ser encorajadas a cantar ou tocar a mais simples peça com comprometimento e envolvimento, procurando um resultado criativo, expressivo e estilisticamente consistente. Isso deve ser almejado por ser essa a única forma pela qual a performance - em qualquer nível – pode-se tornar uma experiência esteticamente significativa (FRANÇA, 2002, p. 14).

Esta é a terceira das modalidades centrais do fazer musical, segundo Swanwick, proposto no modelo C(L)A(S)P (FRANÇA, SWANWICK, 2002 e SWANWICK, 2003).

### **1.4. Notação musical (competência de leitura)**

A meu ver, competência de leitura não deve ser trabalhada anterior a uma prática musical, da mesma forma que a escrita e leitura da palavra não acontecem em etapa anterior à fala. Esta linha de pensamento foi trabalhada na educação musical proposta por

Suzuki, na qual a leitura é desenvolvida após o aprendizado do instrumento, de forma que o aluno memoriza o que toca antes de aprender a ler (FONTERRADA, *Op. Cit.* p.159).

No contexto da educação musical no Brasil e ensino do piano, uma autora que foi pioneira na defesa da experiência musical anterior à escrita, foi Maria de Lourdes Junqueira. Seu trabalho intitulado “Educação musical através do teclado” (GONÇALVES, BARBOSA, 1986)<sup>4</sup> ainda é referência na área e modelo para várias propostas pedagógicas posteriores (PAZ, 2013).

Esta competência diz respeito à compreensão da escrita musical, contudo essa compreensão só será, de fato, eficaz se o aluno também desenvolveu a competência auditiva.

Sendo a leitura uma competência igualmente importante em relação às demais, Pereira defende que a “(...) falha na aquisição dessa capacidade compromete os níveis mais avançados da aprendizagem da música, pois dificulta a compreensão de assuntos técnicos que exigem, por parte do aluno, a profunda compreensão do código musical” (PEREIRA, *Op. cit.* p. 29).

Por fim, o trabalho voltado a estudos em literatura (L), é realizado quando, ao estudar uma obra do repertório histórico, o professor a ilustra com comentários históricos, promove a audição de obras do mesmo compositor e período, ou seja, traz para a aula elementos que fazem parte da cultura desenvolvida em torno do instrumento ao longo de sua existência.

## 2. Os jogos musicais

Pela experiência vivida, foi possível verificar que, os jogos em sala de aula constituem importantes ferramentas metodológicas para o ensino, uma vez que, além de facilitarem a aprendizagem de conceitos e competências musicais, ainda conferem às aulas um tom mais lúdico e descontraído.

Segundo Rizzo,

---

4 Trata-se de uma coletânea de livros didáticos voltados ao ensino do piano na modalidade do ensino coletivo. São oito volumes, sendo quatro volumes do Manual para o Professor e quatro volumes dos Livros do aluno.

(...) o jogo motiva e por isso é um instrumento muito poderoso na estimulação da construção de esquemas de raciocínio, através de sua ativação. O desafio que ele proporciona mobiliza o indivíduo na busca de soluções ou de formas de adaptação a situações problemáticas e, gradativamente, o conduz ao esforço voluntário. A atividade lúdica pode ser, portanto, um eficiente recurso aliado do educador, interessado no desenvolvimento da inteligência de seus alunos, quando mobiliza sua ação intelectual (RIZZO, 2001, p.40).

Na mesma linha, dois autores corroboram o pensamento aqui estabelecido. Cerqueira, quando o mesmo pondera que "(...) brincadeiras e jogos musicais são estratégias pertinentes à medida que possibilitam uma experiência musical espontânea e divertida (CERQUEIRA, 2011, p.34) e Barboza, que "acredita que além de serem prazerosos para as crianças, os jogos e brincadeiras musicais estimulam a criatividade e a imaginação, possibilitando ao indivíduo adquirir um novo olhar sobre a realidade" (BARBOZA, 2008, p. 31).

Alguns jogos, descritos neste trabalho, foram livres adaptações de jogos já existentes e outros foram criações pensadas no momento do planejamento de aula.

### 3. Os jogos em sala de aula

Neste item segue a descrição dos jogos mais recorrentes nas minhas turmas do Curso de iniciação ao piano da UFRN.

É importante ressaltar que os recursos didáticos, pensados para cada jogo, foram selecionados em adequação aos conteúdos que seriam ministrados em determinada aula e durante o processo de planejamento.

#### 3.1. A música não pode parar

O objetivo deste jogo é desenvolver as competências auditiva, performativa e expressiva e de leitura. Trabalha questões como compreensão da pulsação, da escuta coletiva e escuta interna, leitura da música a partir de qualquer trecho e sincronia para tocar em conjunto.

**Descrição:** Pode ser aplicado quando os alunos estão estudando uma peça nova ou revisando uma antiga. Pode ser realizado com leitura apenas de uma pauta (leitura de mãos

separadas) ou leitura da partitura completa. O professor divide a peça por trechos (frases ou compassos) e determina um aluno para executar cada trecho, de forma que toda a peça seja abordada ao final. É estabelecida uma pulsação e o jogo inicia. O segundo aluno deve iniciar a tocar exatamente após o primeiro, sem deixar que a música seja interrompida e assim por diante. Os alunos devem estar atentos tanto à pulsação quanto a leitura da parte do aluno que o antecede. Além do desenvolvimento do senso rítmico os alunos, ao jogar, se preparam para aprender a tocar a peça iniciando por qualquer compasso, o que os faz pensar sobre o dedilhado e reforça o conhecimento da peça.

Após a primeira rodada, a ordem dos alunos executantes é alterada para que todos possam tocar os diferentes trechos da peça.

O jogo foi utilizado para as turmas 1 e 2.

### 3.2. Vamos dançar os intervalos musicais?

O objetivo do jogo é trabalhar a percepção de intervalos musicais auditivamente e o reconhecimento dos mesmos na escrita, desta forma o jogo irá trabalhar as competências motora, de escrita e auditiva.

**Descrição:** Este jogo foi utilizado por ocasião do início da leitura de peças que apresentam melodias em graus disjuntos. Inicialmente, foram explicados os intervalos formados na partitura e pedido aos alunos que prestassem atenção quando os intervalos fossem ascendentes e/ou descendentes. O monitor da classe tocou a lição enquanto os alunos, ao ouvir a música, saltavam para a direita nos intervalos ascendentes e para a esquerda nos descendentes. É importante salientar que jogo reforça a noção de que, ao piano, os intervalos ascendentes caminham para o lado direito do teclado e os descendentes no sentido contrário. Em um segundo momento, foi pedido que um dos alunos tocasse a peça estudada enquanto os outros faziam a coreografia dos saltos. É importante salientar que os alunos dançavam sem acompanhar visualmente a escrita musical.

A inspiração para o jogo veio do próprio título da peça e foi utilizado na turma 1.

FIGURA 1 – Lição 7. Saltitando



Fonte: Figura 1 – BURNAN, Edna Mae. A dose do dia – Exercícios técnicos para piano para serem executados todos os dias antes das aulas. Livro I, Rio de Janeiro: Bruno Quanto, s/d.

### 3.3. Qual são as notas?

O objetivo deste jogo é desenvolver a competência auditiva por meio do trabalho de percepção/reconhecimento de alturas em pequenas células melódicas, juntamente com a competência de leitura, através do reconhecimento da escrita do trecho que foi ouvido pelos alunos.

**Descrição:** Este jogo foi realizado para fixar as alturas estudadas pelos alunos no âmbito da terça maior ascendente, partindo do dó central do piano, e terça menor descendente, também partindo do dó central. O professor escreveu células musicais em compasso ternário e com valores iguais ao valor da unidade de tempo. Foram ao todo nove células em diversas combinações melódicas. O professor tocava ao piano e pedia aos alunos que levantassem o braço e identificassem qual a célula executada. Quem acertasse mais ganharia o jogo. Importante observar a relação de percepção de alturas com a escrita musical.

O jogo foi utilizado na turma 1, mas também pode ser utilizado na turma 2 com células um pouco mais complexas.

### 3.4. O Guia

O objetivo deste jogo é desenvolver as competências auditiva e motora. Trata-se de um exercício de percepção musical aliado ao trabalho de percepção de localização espacial.

**Descrição:** É um jogo para duplas. Inicia quando uma venda é colocada em um aluno para que o mesmo, sem ver, possa encontrar determinado objeto na sala de aula,

enquanto o seu parceiro irá tocar ao piano intervalos ascendentes para indicar o caminho à direita e descendentes para o lado oposto. O caminhar será indicado por *glissandos* ascendentes para frente e descendentes para trás. Ao parar o som o aluno deve também parar a caminhada. Os intervalos melódicos indicarão o sentido de uma possível mudança de direção lateral. Ganha a dupla que alcançar o objeto em menos tempo.

O jogo foi utilizado na turma 1.

### 3.5. Jogo da memória

O Objetivo deste jogo é trabalhar o reconhecimento de elementos que compõem a escrita musical, reforçar definições e promover o conhecimento de símbolos ainda não vistos no repertório. O jogo visa trabalhar o desenvolvimento da competência de escrita.

**Descrição:** Este jogo é uma adaptação do tradicional jogo de pares de cartas com figuras em um dos lados, cujo objetivo é encontrar, no menor espaço de tempo, os pares escondidos em meio a uma disposição aleatória de cartas viradas para baixo. É feito um círculo e distribuídas as cartas no chão, com as imagens viradas para baixo. O primeiro aluno desvira duas cartas e, se elas forem iguais, ele as retira do montante. Se forem diferentes, ele as vira novamente, segue então a sequência dos alunos realizando o mesmo ato.

As cartas apresentam símbolos utilizados na escrita musical visando o desenvolvimento da competência de leitura por meio do reconhecimento dos mesmos. Cada vez que uma imagem é apresentada o professor trabalha a definição da mesma, seja como revisão de um conteúdo já visto ou como uma nova informação.

O jogo foi utilizado na turma 2.

### Avaliação e Considerações finais

A experiência vivida com o uso de jogos em sala de aula tem sido bastante proveitosa, além de tornar a aula mais divertida para os alunos e para o professor. Pude perceber que os jogos suscitam emoções e estas geram afetividade, colaborando para uma maior interação entre a turma e troca de conhecimentos.

No que tange a receptividade, percebi que a aceitação dos jogos na aula foi unânime e quase sempre os alunos, no início das aulas posteriores a experiência, já

chegavam perguntando se haverá jogo naquele dia. Desta forma, o interesse pelas atividades lúdicas produziu empenho e ação por parte dos alunos, fazendo a turma crescer em conhecimentos, tanto práticos/performáticos, quanto teóricos.

Em “A música não pode parar” os alunos desenvolveram a habilidade de executar suas peças a partir de qualquer compasso. Este fato reforça o conhecimento da obra, garante mais segurança no aprendizado e facilita a memorização da mesma. A percepção de pulsação também foi trabalhada juntamente com a precisão rítmica.

No “Vamos dançar os intervalos musicais” os alunos reforçaram a localização espacial, no teclado do piano, trabalhando a questão do grave e agudo, versus direita e esquerda, ao mesmo tempo em que treinaram a percepção auditiva. Foi um jogo divertido no qual toda a turma participou ativamente da atividade proposta.

Ao jogar “Quais são as notas”, os alunos trabalharam tanto a percepção musical quanto a leitura. A atividade foi muito proveitosa para a melhoria da leitura e reconhecimento de notas, uma vez que, ao trabalhar com pequenas células, foi possível revisar a localização das notas na pauta.

“O Guia” foi a atividade mais divertida para os alunos, pois os mesmos passaram a pedir para que fosse repetida em aulas posteriores, além de ter gerado um clima de grande descontração e animação na turma.

Em relação ao último jogo, os conteúdos apresentados no “Jogo da memória” foram bem assimilados e reconhecidos quando passaram a aparecer em peças novas ou nas peças que estão sendo estudadas no momento. Em uma aula posterior, um dos alunos trouxe uma partitura adquirida na internet e me mostrou sinais que ele havia reconhecido no jogo da memória.

Por fim, este relato apresenta ideias para serem trabalhadas em sala de aula, no contexto do ensino de instrumento musical, não apenas para piano, mas podendo ser adaptada a outros instrumentos. As possibilidades de criação e jogos musicais são as mais diversas e este trabalho não se fecha neste momento, muito pelo contrário, se abre a novas possibilidades e novos usos.

Desta forma, espero contribuir para que surjam novas ideias e novas pesquisas sobre o tema abordado e para o enriquecimento da área de educação musical nos seus mais variados contextos.

## Referências

BARBOZA, Valeria C. M. M. *O papel das canções na educação infantil*. Trabalho de conclusão de Curso [Graduação em Música-Licenciatura] – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CERQUEIRA, Daniel Lemos. *Compêndio de pedagogia da performance musical*. São Luís: edição do autor, 2011.

ELIAS, Leia Marcia. *Como escrever um bom Relato de Experiência em “Implantação de Sistema de Informações de Custos no setor público”*. In: I SENREG – Seminário de regional de informação de custos e qualidade do gasto no setor público. Anais do : I SENREG – Seminário de regional de informação de custos e qualidade do gasto no setor público, Belém, 2014.

FELLER, Mônica Kurrle et al. *A ludicidade no ensino de piano para crianças: a proposta de uma prática docente e de escolha de repertório*. In: XXIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical . Anais do XXIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, Manaus, 2017.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios – um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. *Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática*. Em Pauta. V.13 n.21, Dezembro 2002 (p.5 -41).

GONÇALVES, Maria de Lourdes Junqueira. *Educação Musical através do Teclado. Manual do Professor*, V.1. 2ª. Ed., Rio de Janeiro, 1986.

GONÇALVES, Maria de Lourdes Junqueira; BARBOSA, Cacilda Borges. *Educação Musical através do Teclado. Livro do Aluno*. V.1. 2ª. Ed. Rev., Rio de Janeiro, 1986.

GOMES FILHO, Tarcísio; ARAÚJO, Anderson Henrique Simões de. *Programa, Estratégia e Didática para um curso de iniciação ao piano*. In: XIII Encontro Regional Nordeste da ABEM. Anais do XIII Encontro Regional Nordeste da ABEM, Teresina, 2016.

GORDON, E. E. *Teoria de aprendizagem musical. Competências, conteúdos e padrões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

MARSH, Kathryn. *The Musical Playground: global tradition and change in children’s songs and game*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MEIRELLES, Alexandre; STOLTZ, Tânia; LUDERS, Valéria. *Da psicologia cognitiva à cognição musical: um olhar necessário para a educação musical*. Música em perspectiva, v.7, n.1,p.110-128, Junho/2014.

OLIVEIRA, Liliane de Camargo Polis et al. *A teoria de aprendizagem cooperativa no ensino coletivo de piano/teclado: uma experiência na escola*. In: XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Anais do XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, Natal, 2015.

OLIVEIRA, Andréia Pires Chinaglia de.; BEINEKE Viviane. *Aprendizagens colaborativas em brincadeiras cantadas e jogos musicais numa oficina de música com crianças*. In: XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical . Anais do XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, Natal, 2015.

PAZ, Ermelinda A. *Pedagogia musical brasileira no século XX – Metodologias e tendências*. Brasília: Editora MusiMed, 2013.

PEREIRA, Marina de Sousa. *O impacto do ensino articulado para Piano no ensino especializado*. Dissertação de mestrado. Universidade de Aveiro, 2011.

RIZZO, Gilda. *Jogos inteligentes: a construção do raciocínio na escola natural*. 3ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

SLOBODA, John. (1994). Music Performance: *Expression and the Development of Excellence*. In: Aiello, Rita e Sloboda, John (eds). Musical Perceptions. New York: Oxford University Press, 154.

SOUZA, Fernanda de. *Os jogos de mãos: um estudo sobre o processo de participação orientada na aprendizagem musical infantil*. 2009, 222p. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Música da UFPR, Curitiba, 2009.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Tradução: Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

WERLE, Kelly Werle; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro Bellochio. *A experiência musical nas culturas da infância*. In: XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Anais do XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, Pirenópolis, 2013.